



ARTIGOS

A poética da vulnerabilidade e as dissidências afetivas de homens negros gays em Rico Dalasam

Érick Santos da Silva, *Universidade Federal de Alagoas*

Samuel Conselheiro Germano do Nascimento, *Universidade Federal de Alagoas*

Resumo. Este artigo realiza uma análise estética e político-afetiva do EP *Fim das Tentativas* (2022), de Rico Dalasam, situando-o como gesto de reinscrição das subjetividades de homens negros gays no contexto brasileiro. O estudo adota uma metodologia qualitativa de análise textual e musical, baseada em uma escuta atenta das letras, sonoridades e construções poéticas do artista, articulando-as com referenciais teóricos sobre masculinidades negras e sexualidades dissidentes. Ao longo do artigo, argumentamos que a obra opera como dispositivo estético-político que tensiona estereótipos raciais e sexuais e produz novas possibilidades de existência e afeto entre homens negros gays. A partir desse percurso, demonstramos o conceito de “necropolítica afetiva” como contribuição central do estudo, do qual nos permite compreender como estruturas de racismo e heteronormatividade regulam a circulação do desejo e do cuidado. Os resultados indicam que Dalasam cria uma poética da vulnerabilidade capaz de reconfigurar imaginários, ampliar horizontes de pertencimento e propor formas de viver que rompam com a solidão e o fetichismo impostos a esses corpos. Por fim, destacamos os limites do estudo e apontamos caminhos para pesquisas futuras que articulem empiricamente afetos, estética, sexualidades dissidentes e masculinidades negras.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades negras. Rico Dalasam. Dissidência afetiva. Necropolítica afetiva.



Introdução

A discussão sobre masculinidades negras constitui um campo crítico que busca compreender como raça, gênero e sexualidade se entrelaçam na constituição das subjetividades de homens negros. No Brasil, as discussões sobre masculinidades negras emergem como esforço político e epistêmico de tensionar o lugar social historicamente atribuído ao homem negro, marcado por processos de racialização, criminalização e desumanização. Autores como Deivisson Faustino e Alan Augusto Moraes Ribeiro (2017) destacam que esse campo sempre enfrentou o desafio de articular experiências e epistemes diversas, sobretudo diante da hegemonia de estudos centrados no homem branco, heterossexual e de privilégios políticos e econômicos que ignoravam as intersecções entre raça, classe, sexualidade e afetividade.

Partimos do entendimento de que as masculinidades negras são produzidas em um campo de forças atravessado por estereótipos, imagens de controle e dinâmicas coloniais que limitam a experiência subjetiva e afetiva desses homens (Collins, 2019; Hall, 2016; Veiga, 2018). Tais imagens, como mostram Hall (2016) e Ribeiro (2021), sustentam a associação entre homens negros e virilidade compulsória, violência, hipersexualização ou subalternidade, operando na manutenção de políticas de exclusão, morte social e desumanização. Para Fanon (2020), o homem negro vive uma masculinidade racializada, inseparável da materialidade da opressão colonial e de seus efeitos subjetivos.

É nesse horizonte que propomos pensar a emergência do que denominamos necropolítica afetiva. Inspirados no necropoder formulado por Mbembe (2016), compreendemos que a produção de vidas matáveis e descartáveis não atua apenas no campo dos corpos e das materialidades, mas incide profundamente no domínio do afeto, coordenando quem pode amar, ser amado, desejar ou ser desejado. A necropolítica afetiva funciona como um regime que captura sensibilidades e regula os modos pelos quais homens negros, especialmente homens negros gays, participam do mundo afetivo. Ela limita o acesso ao reconhecimento, produz estranhamento de si e sabota a construção de vínculos, operando como uma gestão emocional que antecede e sustenta políticas de morte física e simbólica. Ao expulsar esse homem negro gay, bicha preta, da economia do desejo e inscrever seu corpo em gramáticas de abjeção, esse dispositivo organiza o campo

afetivo como território de destruição lenta, no qual o sujeito é convocado a habitar o próprio corpo como ameaça, inadequação ou resto.

Nesse contexto, a experiência de homens negros gays evidencia camadas adicionais de subalternização, configurando o que Veiga (2018) denomina dupla diáspora, marcada por tensões entre raça, gênero e sexualidade. Silva e Souza (2023) ressaltam que esses sujeitos são empurrados para um “lado de fora” das possibilidades de reconhecimento, afetividade e humanização, experiência que se expressa também nas dinâmicas de desejo, autoimagem e construção de vínculos amorosos. Como lembra bell hooks (2022), a cultura dominante ensina o desamor aos homens negros, produzindo formas de auto-ódio e não identificação.

Apesar das tentativas de confinamento imagético e afetivo, homens negros gays têm produzido fissuras nos discursos hegemônicos, criando narrativas próprias de reinvenção e sobrevivência. Entre essas práticas, o rap ocupa lugar central como dispositivo político, estético, comunitário que mobiliza afetos, denuncia violências e afirma novas possibilidades de existir (Conselheiro; Oliveira; Mesquita, 2023). A cultura hip-hop, faz parte de uma série de movimentos diaspóricos, os quais “são efeitos dos processos culturais disseminados e aclamados em massa, que dão força e respostas à sociedade, enquanto também se vinculam à particularidades da subjetividade desses grupos (Leopoldino, 2022, p. 03)”.

É nesse terreno que situamos o presente artigo. Diferentemente de estudos empíricos sobre vivências contemporâneas de homens negros gays, esta investigação tem caráter teórico e analítico. Concordamos com Santana e Tonus (2024) ao compreenderem os conteúdos musicais como sendo dispositivos potentes na tarefa de comunicar sobre o mundo. Portanto, temos por objetivo compreender de que modo o EP *Fim das Tentativas* (2022), de Rico Dalasam, se propõe a produzir uma reconfiguração político-afetiva das masculinidades negras gays, reinscrevendo possibilidades de subjetivação que escapam à virilidade compulsória e à subalternização afetiva.

As letras musicalizadas por Rico Dalasam se inserem em um diálogo com artistas negros contemporâneos que vêm tensionando as gramáticas hegemônicas da sensibilidade e do desejo, mobilizando repertórios que desestabilizam modelos normativos de masculinidade. Entre esses artistas, Baco Exu do Blues é uma referência relevante por



explicitar, como analisa Patrício (2022), a violência emocional produzida pelo racismo estrutural e pela lógica patriarcal que incidem sobre o homem negro, demandando contenção da dor, silenciamento afetivo e recusa da própria beleza.

No entanto, embora fundamental para compreender como a sensibilidade negra vem sendo reinscrita na cena musical, a obra de Baco Exu do Blues opera majoritariamente a partir de experiências de homens negros cisgêneros heterossexuais. Suas narrativas não alcançam de modo direto as especificidades das vivências de homens negros gays, sobretudo no que diz respeito às disputas por reconhecimento, desejo e existência que atravessam corpos dissidentes. É justamente nesse ponto que reside a importância de Dalasam: ao articular em sua música uma política afetiva situada na experiência de um homem negro gay, ele amplia o escopo das discussões sobre masculinidades negras pois inscreve o desejo homoerótico, a vulnerabilidade e a afirmação de si como centrais para pensar modos de vida que escapam ao imperativo heterocisnormativo.

Assim, entendemos que, enquanto Baco contribui para reposicionar a sensibilidade do homem negro, Dalasam tensiona ainda mais esse horizonte ao trazer para o centro da cena, experiências que historicamente foram silenciadas, mostrando como homens negros gays, bichas pretas, produzem outras formas de afeto, beleza e presença para além das fronteiras da necropolítica afetiva.

Desta maneira, explicitamos que, assim como o EP de Rico Dalasam, este estudo não pretende oferecer um panorama da totalidade das subjetividades de homens negros gays no Brasil. Ancorados na compreensão decolonial, recusamos qualquer reivindicação de universalidade, tal como ocorre nas narrativas eurocêtricas hegemônicas que historicamente se apresentam como universais (Grosfoguel, 2016). Assumir essa posição de universalidade implica homogeneizar experiências e tratar sujeitos como massas, reproduzindo uma postura colonial de produção de conhecimento sobre o outro, baseada em uma compreensão de humanidade que desconsidera diferenças e especificidades (Grosfoguel, 2016). Além disso, esta pesquisa não se ancora em um empirismo de campo, mas em uma análise situada, construída a partir de uma obra artística que se torna, ela mesma, um dispositivo de elaboração subjetiva, tensionamento e criação conceitual.

Caminho metodológico

Metodologicamente, este estudo realiza uma análise estética e político-discursiva das letras, metáforas, sonoridades e estruturas narrativas que compõem o EP *Fim das Tentativas*. Compreendemos a obra como um dispositivo artístico de elaboração subjetiva por meio do qual o artista tensiona representações hegemônicas e cria formas de existir, amar e habitar o mundo como homem negro gay. Ressaltamos que não buscamos representar a totalidade das experiências dos referidos sujeitos no Brasil; propomos, antes, uma leitura situada que evidencia como a criação artística pode operar como campo de disputa simbólica e de imaginação de futuros possíveis.

A análise tem caráter qualitativo e interpretativo, fundamentada em uma escuta atenta do material musical e em sua articulação com referenciais críticos que discutem masculinidades negras, afetividade racializada, vulnerabilidade, performatividade e crítica à heteronormatividade. A opção por analisar um objeto estético se apoia na compreensão de que os processos de subjetivação de homens negros gays nem sempre se deixam capturar integralmente por metodologias empíricas tradicionais.

O EP “Fim das Tentativas”, lançado em 2022, foi selecionado como objeto de análise por articular, de forma singular, temas como amor entre homens negros, autopercepção, vulnerabilidade, dor, cura e reconstrução subjetiva. Sua dimensão autobiográfica e sua centralidade no debate público sobre afetividade negra dissidente fazem do álbum um dispositivo estético-político relevante para compreender como subjetividades marginalizadas se reinventam e escapam das imagens de controle que lhes são impostas.

A arte, nesse sentido, não funciona apenas como expressão individual, mas como campo legítimo de produção de conhecimento capaz de narrar experiências silenciadas, iluminar estruturas sociais e elaborar formas de resistência. Assim, nossa escuta analítica buscou identificar recorrências temáticas, imagens poéticas, tensões afetivas e deslocamentos estéticos que permitam compreender como Rico Dalasam reinscreve o homem negro gay como sujeito de afeto, beleza, cuidado e futuro.



Rico Dalasam e a poética da vulnerabilidade: (re)invenções do ser homem negro gay

Rico Dalasam é um cantor, compositor e rapper brasileiro cuja atuação artística está profundamente atravessada por sua experiência enquanto homem negro gay inserido na sociedade brasileira. Desde sua aparição na cena musical, ele se destaca como um dos nomes mais expressivos das estéticas dissidentes que emergem da juventude negra LGBTQIAPN+, mobilizando uma linguagem sonora e poética que tensiona as fronteiras hegemônicas de raça, gênero e sexualidade. Sua obra inscreve afetos, dores, desaprendizagens e reinvenções do existir, produzindo enunciados que desestabilizam esperanças normativas e abrem caminhos para imaginar outras formas de amar, desejar e estar no mundo. Em seu percurso, Dalasam transforma vivências marcadas pela marginalização em matéria estética, convertendo o próprio corpo em território político e suas canções em dispositivos de elaboração subjetiva e crítica social.

À luz do que discute Grada Kilomba (2019), o conhecimento produzido por sujeitos negros é continuamente reconduzido por forças hegemônicas a um lugar de subprodução científica. Quando tais sujeitos expõem questões latentes e as nomeiam como dinâmicas geradas por sistemas racistas, esse gesto é rapidamente categorizado como pessoal, particular ou específico, deslegitimando sua força explicativa. Esse mecanismo compõe um ordenamento mais amplo que culmina no que Boaventura de Sousa Santos (1998) denomina epistemicídio, entendido como o apagamento sistemático dos saberes produzidos por grupos subalternizados (mulheres cis, mulheres trans, mulheres cis negras, mulheres trans negras, homens negros, homens negros gays, mulheres negras lésbicas, entre outros). Tal apagamento opera com uma intencionalidade precisa: preservar um discurso único que se pretende hegemônico, homogêneo e dominante.

Esses movimentos se inscrevem em um campo de disputa no qual se busca definir quem pode falar, com que autoridade o faz e sob quais condições é reconhecido como produtor de conhecimento. Trata-se de um esforço persistente em reduzir, no interior do espaço científico, as contribuições de sujeitos negros a produções consideradas abstratas ou secundárias, removendo-os dos grandes centros de elaboração e

circulação de saber e relegando suas investidas a um lugar de insignificância epistêmica. Nesse cenário, o EP de Rico Dalasam, enquanto obra produzida por um homem negro gay, emerge como uma possibilidade de fissura no ordenamento hegemônico de produção de conhecimento, pois reivindica a construção de outras narrativas, mesmo que circule em um campo distinto daquele tradicionalmente reconhecido como científico.

Por isso, neste tópico propomos uma escuta analítica tomando a poética da vulnerabilidade como eixo interpretativo. A análise parte da compreensão de que a obra do artista (re)inventa o ser homem negro gay, deslocando o foco do sofrimento e da dor frequentemente associados a essa experiência e centrando-se nas múltiplas possibilidades de existência, afeto e subjetivação. A investigação foi conduzida a partir de categorias temáticas extraídas do próprio material sonoro e lírico, funcionando como chaves de leitura para a articulação entre estética e política; amor, que compreende manifestações de afetividade e construção de vínculos; e pertencimento, relativo à busca de reconhecimento e de espaços de sociabilidade.

Ao organizar a escuta em tais eixos, pretendemos evidenciar como as escolhas poéticas, rítmicas e discursivas do artista constituem um gesto de autorreinvenção e de afirmação de novas formas de ser e existir, tensionando as estruturas que regulam masculinidades negras e dissidentes. Assim sendo, iniciamos lançando a escuta sobre a terceira faixa do *EP Fim das Tentativas*, intitulada “Ando Me Perguntando”. Nesta produção, Rico Dalasam formula vários questionamentos sobre a vida que leva, dentre eles, destacamos os seguintes: “ando me perguntando / faz falta a adolescência? / Que eu perdi no trampo? / Que eu perdi na igreja? / Que eu me puni tanto?”.

As perguntas formuladas pelo artista ressoam naquilo que Ferreira e Abramowick (2022) discutem sobre a construção da infância, sobretudo, da infância negra. O autor e a autora sustentam a argumentação que o universal de infância estabelecido e disseminado surge a partir de uma conceituação em que a imagem do infante é de uma criança com características brancas, em que a ela é facultado o direito em ser uma criança, inclusive na construção imagética: “com o andar do tempo, a criança negra – do nascimento à puberdade –, será sempre excluída desta ideia de “ser criança” (Ferreira; Abramowick, 2022, p. 14)”. Rico Dalasam compartilha da experiência em ser uma criança e conseqüentemente um adolescente negro, o que posiciona sua



experiência num encadeamento discursivo inserido em uma dinâmica de desumanização. A adolescência que faz falta citada em “Ando Me Perguntando” é a adolescência que mencionam Ferreira e Abramowick (2022), uma adolescência atravessada por uma infância que lhe foi prometida e vendida como homogênea, mas que em si, possui marcadores de diferenciação e inserem dimensões de sofrimento na sua trajetória dos quais permanecem em seu registro afetivo e marcam a construção de sua subjetividade e de tantos outros meninos negros. Neste interim, sendo Rico Dalasam também uma bicha, outros fatores regulatórios entram em cena, como a igreja.

Por estar nessa zona diaspórica, o corpo bicha preta torna-se alvo constante de investimentos que regulam sua experiência. A essa experiência bicha preta, nega-se a adolescência universal, uma vez que no horizonte do que se espera de um sujeito, ser bicha preta não está entre uma das possibilidades imagináveis, como nos diz Oliveira (2017, p. 114): “O futuro que importa anunciado por uma criança só pode ser aceitável se corresponder à norma cis heterossexual branca”. Nega-se ao corpo bicha o exercício de sua sexualidade em um movimento acelerado, no qual se torna difícil a tarefa de criar futuros em que seja possível coabitar bicha e também desempenhar os mais diferentes papéis sociais.

Vidarte (2019) nos diz que a dinâmica regulatória cisheteronormativa fragmenta as experiências bixas de tal forma que ao falar de espaços laborais, funções diárias, constroem-se labirintos como se fosse possível passar por qualquer um dos papéis sociais adicionando a eles o “elemento bixa”: “pesquisador e bixa”, “psicólogo e bixa”, “professor e bixa” e assim sucessivamente. Vidarte (2019) defende que o “*bixa*” atravessa esses e quaisquer outros espaços em que são construídas as relações, de tal maneira que ser bixa não é uma adição, “função + bixa”. Ser bixa é constituinte da função, não se é pesquisador e bixa, se é uma bixa pesquisadora e essa concepção de Vidarte (2019) traz então para a centralidade a experiência em que sonhar um futuro é impossível sem enxergar-se bixa em quaisquer que sejam as criações imaginativas.

Entretanto, essas instâncias regulatórias atuando por meio de produções discursivas, congelam imagens em que, por ser bicha preta, nega-se o direito ao exercício da humanidade plena. O resultado final de todo o processo acaba sendo, muitas das vezes, a produção de uma

regulação de si mesmo: a autopunição, ao que nos fala Marques (2024, p. 23):

“Na denúncia de perigo na televisão (mídia), na família, no trabalho, na Igreja, no Estado, na escola e em todos os espaços e instituições sociais são emitidas, constantemente, mensagens explícitas de que nossos corpos não são recomendados e, mais do que isso, devem ser combatidos.”

Este fio de reflexão feito por Marques (2024), da experiência bicha como um sujeito no corredor da morte: sentenciado, aprisionado e com uma mira constante sobre seu corpo, nos traz aquilo que Mbembe (2016) teoriza sobre o necropoder. Seguindo o que reflete o filósofo camaronês, o necropoder é a capacidade soberana de decidir quem pode viver e quem deve morrer, portanto sugerimos, em diálogo com as epistemologias mobilizadas ao longo do texto, a formulação do conceito de necropolítica afetiva. Tal noção visa evidenciar como os regimes de morte que estruturam a racialidade no Brasil não operam apenas sobre corpos, mobilidade, renda ou territórios, mas também sobre modos de sentir, desejar e vincular-se. Trata-se de um campo no qual o governo da vida e da morte incide sobre o domínio afetivo, organizando possibilidades de amor, reconhecimento, presença e intimidade.

A necropolítica afetiva se articula através de múltiplos mecanismos de regulação que capturam a experiência do corpo bicha preta em diferentes frentes. Esses mecanismos se materializam nas mensagens reiteradas que prescrevem lugares sociais, estéticas aceitáveis e expectativas de comportamento, compondo um regime discursivo que atravessa mídias, sociabilidades digitais, relações familiares e dinâmicas comunitárias (Marques, 2024). No limite, opera-se um processo de estranhamento de si, em que a bicha preta passa a habitar o próprio corpo como se fosse um território hostil. Sob vigilância constante, tanto externa quanto internalizada, esse sujeito é simultaneamente identificado como ameaça ao sistema mundo supremacista racista patriarcal capitalista e responsabilizado por sua própria exclusão, como se fosse a vilã de sua própria existência.

A analogia com um vírus ajuda a visualizar a capilaridade e a potência desse dispositivo. A necropolítica afetiva se reproduz no ar, infiltra-se nas relações e contamina práticas cotidianas operando como



uma matriz de sentido que estrutura o horizonte das possibilidades afetivas para homens negros gays. Ao estatizar imagens de controle (Collins, 2019) que expulsam a bicha preta da economia do desejo, produzindo-a como corpo abjeto e preterido, a necropolítica afetiva molda não apenas a forma como ela é vista pelos outros, mas a forma como se percebe e se constitui.

Esse dispositivo instala uma encruzilhada complexa na dinâmica afetiva entre sujeitos negros. Se, por um lado, a necropolítica afetiva desautoriza a bicha preta como objeto legítimo de afeto e desejo, por outro, atua na manutenção de distâncias, conflitos e silenciamentos dentro das próprias comunidades negras, vulnerabilizando ainda mais vínculos possíveis.

Nesse sentido, a necropolítica afetiva é um regime de produção de inexistência. Ela não apenas mata, mas impede de nascer. Ela não apenas violenta, mas sabota a possibilidade de florescimento afetivo de sujeitos negros dissidentes. Ao fazer isso, ela reduz o campo do sensível a uma topologia claustrofóbica em que o sujeito se percebe como resto, sobra ou excesso, num mundo que já o leu antes de ele se ler. A obra de Rico Dalasam, ao tensionar essas gramáticas hegemônicas e produzir outras estéticas de si, permite compreender como sujeitos negros dissidentes elaboram estratégias de autorrecuperação, reencantamento da vida e subversão dos contornos necropolíticos afetivos que tentam organizar seu existir e seu sentir.

Homens negros gays, bichas pretas, se percebem tendo que, antes mesmo de se reconhecerem enquanto sujeitos desejantes, reivindicar a possibilidade de ser um amante recíproco (Lima; Ludemir, 2018). Para além de proporcionar o desejo, ser também capaz de recebê-lo. Ao conquistar essa possibilidade de ser um amante recíproco e se envolver com outro homem negro gay, poderá se deparar com o auto-ódio desse outro que sequer pensará o seu semelhante como uma figura digna de afeto, uma vez que, sendo esse outro um semelhante, também não surge, na economia do desejo, como um sujeito desejante, um amante capaz de ser recíproco (Oliveira, 2017).

A figura do homem negro gay, bicha preta, é aniquilada da economia do desejo entre os seus semelhantes e fetichizada pelo outro branco (Cordeiro; Sierra; Dias, 2021) produzindo mundos de morte (Mbembe, 2016) em que amar e ser amado/a parece não ser uma

possibilidade. Dito isto, durante a música “Ando me Perguntando”, Rico Dalasam evidencia como a necropolítica afetiva atua sob homens negros gays, ele diz: “[ando me perguntando] Se eu tô mesmo bonito ou tô me enganando” e segue ainda na mesma música: “[ando me perguntando] Se perdi o medo de pedir um beijo / Frente ao mundão olhando”.

Como diria Mbembe (2016, p. 146), necropolítica é a nomeação da produção do processo em que “vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de “mortos-vivos””. Sendo assim, quando Rico Dalasam põe em questionamento fatores que atravessam sua subjetividade como sua autopercepção, ou a possibilidade de exercer sua sexualidade, questões intrinsecamente ligadas a sua autonomia, ele exemplifica o processo de desumanização colocado por Kilomba (2019) em que retira-se da pessoa negra o direito de exercer a cidadania, de agenciar a si mesmo. Em outras palavras, caminha entre a vida, a reivindicação ao status de humano, lidando ao mesmo tempo com a retirada abrupta da sua autonomia, ou seja, a morte.

Continuando nossa análise, na faixa “Tarde D+”, Rico Dalasam desloca o foco da vulnerabilidade para um gesto de agência e autorreconhecimento, tensionando a lógica da necropolítica afetiva anteriormente discutida. Quando afirma: “No compasso ágil se alguém me preterir / Hoje já sei mais o jeito / E com todo respeito / Vou aonde sou aceito / A beleza chegou pra mim”, o artista enuncia um movimento de reapropriação do desejo e de recusa à hierarquia que marginaliza corpos negros e dissidentes.

O verso “vou aonde sou aceito” opera como uma escolha política: não se trata de resignação, mas de autodefinição (Lorde, 2020) dos espaços de pertencimento. Em vez de investir energia em contextos que insistem em negar sua humanidade, Dalasam reivindica o direito de circular em territórios onde sua existência não precise ser constantemente justificada e autorizada. Tal gesto ecoa o que bell hooks (2019) descreve como autorrecuperação, um movimento de não fragmentação de si, de juntar os pedaços do ser e da própria história, desafiando as economias de desejo heteronormativo centrado na branquitude.

Ao declarar que “a beleza chegou pra mim”, o artista rompe com o imaginário colonial que associa beleza à branquitude (Gonzalez, 2020). Há aqui uma torção epistemológica: a beleza não é mais atributo



concedido pelo olhar do outro (Kilomba, 2019), mas reconhecimento que emerge de dentro, constituindo-se como prática de liberdade (Lorde, 2020). Essa virada subjetiva confronta o estatuto de corpo abjeto imposto pela necropolítica afetiva, produzindo insistências de vida, formas de viver que florescem apesar das condições de morte social.

Em diálogo com a análise de “Ando Me Perguntando”, “Tarde D+” revela a dialética entre ferida e criação. Se na primeira faixa Dalasam expõe as marcas da exclusão, na segunda ele inscreve a possibilidade de reencantamento de si. O compasso ágil simboliza não apenas ritmo musical, mas um tempo subjetivo que não espera mais o aval da norma: é a pressa de existir plenamente, criando novos circuitos de afeto, pertencimento e prazer para o corpo bicha preta. A ousadia em reivindicar esse elemento por muito negado a corpos subalternizados - o tempo - como instrumento a favor da experiência negra e dissidente.

Ainda em “Tarde D+”, os versos “Me vejo hoje ostra aberta que já fez pérolas mil / Me vi ave rara em um céu aberto sem fim” reforçam a virada subjetiva que a canção encena. A metáfora da ostra carrega um duplo sentido: por um lado, remete a um corpo que, mesmo marcado por feridas (Veiga, 2018) – a ostra só produz a pérola a partir da irritação causada por um grão de areia – transforma a dor em beleza e valor. Por outro, a imagem da abertura (ostra aberta) sugere disponibilidade para o encontro, para o desejo e para a circulação de afetos, em contraste com o fechamento defensivo que a necropolítica afetiva tenta impor.

Já a “ave rara em um céu aberto sem fim” indica um gesto de liberdade em relação a heteronorma. Rico Dalasam se coloca como singularidade inassimilável, que voa em um espaço amplo, não contido pelos limites da norma racial e heterossexual. Essa figuração dialoga com o que José Esteban Muñoz (2020) chama de utopia queer: a construção de horizontes de liberdade que ainda não se concretizaram plenamente, mas que se anunciam como possibilidade de existência.

Com essas imagens, o artista reelabora a vulnerabilidade como potência criadora. Se a ostra produz pérolas a partir da ferida, e a ave rara inaugura rotas próprias de voo, Dalasam transforma marcas de exclusão em motores de invenção. Nesse movimento, a beleza não é mero atributo estético, mas um ato de soberania afetiva e política: um corpo negro gay que se reconhece produtor de mundos, e não apenas sobrevivente. Ao que nos parece, Rico Dalasam denuncia que os corpos

de homens negros gays não querem mais apenas resistir, querem existir com toda dignidade possível.

Por fim, a música “Fim das Tentativas” funciona como eixo conceitual do EP, pois condensa a poética de encerramento e recomeço que atravessa o disco. Nos versos “Também tive que morrer / Pra deixar tu morrer da minha vida”, Dalasam traduz, em primeira pessoa, um processo de ruptura que não é apenas amoroso, mas também político: para seguir, o sujeito precisa “matar” uma relação que o aprisiona a repetições de dor - o ato de reinventar a própria vida mesmo após experiências de desumanização.

Há ainda uma leitura de autorrecuperação, no sentido do que propõe bell hooks (2019) quando afirma: “Amei ao ponto de me amar mais”. Esse amor emerge como condição para amar o outro, desmontando o roteiro da necropolítica afetiva que reduz corpos negros a descartáveis. Ao rememorar idas à praia, hotéis, estações de trem e mesmo cenas de conflito — “nós dois se tratando igual lixo” — o artista (re)configura a memória (Evaristo, 2017): reconhece o estrago, mas também a potência de quem sobrevive e se ergue novamente. A canção, portanto, não é mero relato de término; é ritual de encerramento que abre espaço para novos vínculos, reafirmando que a vulnerabilidade pode ser força de criação.

Entre fetiche e invisibilidade: homens negros gays e dissidência afetiva

A dissidência afetiva, tal como mobilizamos neste texto, não se limita à recusa da norma heterossexual. Ela também pode ser compreendida como uma ruptura consciente com aquilo que Achille Mbembe (2018) define como necropolítica: o poder de decidir quais vidas merecem ser vividas e quais podem ser descartadas, uma vez que “homens negros na cultura do patriarcado supremacista branco capitalisa imperialista branco são temidos, não amados (hooks, 2022, p. 32)” entendemos que amar outro homem negro, reconhecer sua beleza e investir em vínculos de cuidado mútuo torna-se um ato de resistência radical (hooks, 2021). Esse gesto subverte o que Neusa Santos Souza (2021) identifica como “auto-ódio”, produzindo novas matrizes de reconhecimento, de afroestima (Silva, 2025) e autoestima. A obra “Fim das Tentativas” encarna essa prática insurgente. Ao cantar amores que



não precisam se justificar perante o olhar branco, Rico Dalasam (2022) desloca o centro do desejo.

Seu manifesto musical celebra o encontro entre corpos negros sem mediadores, criando uma poética em que o amor não é concessão, e sim afirmação de existência (hooks, 2021). Trata-se de uma sonoridade que reivindica ancestralidade e contemporaneidade ao mesmo tempo, recusando as fronteiras do que a indústria musical hegemônica e, por extensão, a sociedade estabelece e considera universal. Mas, que lugar o homem negro gay ocupa nesse universal estabelecido?

Ao pensar essas dinâmicas, é importante destacar que as experiências afetivas e sexuais dos homens negros gays não podem ser compreendidas sem considerar a ação conjunta de racismo e homofobia, como já mencionamos anteriormente no texto. Moraes da Costa (2023) argumenta que essas duas estruturas de poder se entrelaçam na produção de uma “dupla desumanização”, em que o corpo negro é ao mesmo tempo fetichizado e rejeitado. Para o autor, a sociedade brasileira, marcada por heranças coloniais e pela heteronormatividade, cria uma hierarquia do desejo que confina homens negros gays a lugares de invisibilidade ou de hiperssexualização, negando-lhes o reconhecimento como sujeitos de afeto.

Essa leitura se aproxima do que já discutimos a respeito da necropolítica afetiva. Moraes da Costa (2023) demonstra como, mesmo em ambientes LGBTQIAPN+, homens negros gays são frequentemente reduzidos a “corpos para o sexo”, procurados em espaços de menor prestígio social e descartados quando se trata de relações duradouras e de cuidado. Essa dinâmica, que ele chama de hierarquia do desejo, reforça a dissidência afetiva, o isolamento, e pode gerar homofobia internalizada, um mecanismo de autodepreciação que fragiliza a afroestima (Silva, 2025) autoestima e dificulta a construção de laços amorosos entre iguais.

Segundo Moraes da Costa (2023), o racismo e a homofobia não são apenas comportamentos e práticas individuais que minam esse pertencimento, mas ferramentas estruturais de manutenção do capitalismo e do patriarcado. Eles operam para disciplinar corpos negros e dissidentes, regulando quem pode amar, trabalhar e viver com dignidade. Essa perspectiva nos ajuda a compreender que a dissidência afetiva não se trata de uma escolha pessoal, mas uma forma de

enfrentamento coletivo às lógicas de exploração e morte que atravessam a vida dos homens negros gays.

Assim, o que parece “apenas” um EP, revela-se como um dispositivo de transformação subjetiva e política: ao reconfigurar o imaginário do amor acerca dos homens negros gays, Dalasam (2022) amplia as possibilidades de vida e reencantamento do mundo para corpos historicamente marginalizados e negados ao campo dos afetos. Como traz Medeiros (2022, s/p): “As cinco faixas que compõem o disco nunca negam o sofrimento, mas, juntas, apontam à esperança de quem aprendeu a lidar com muito daquilo que se sente, mesmo quando se sente muito”. Rico Dalasam consegue através do Ep “Fim das Tentativas” apresentar uma jornada sonora em que nomeia as dinâmicas afetivas, como a dissidência afetiva ressoa nos corpos de homens negros gays, lançando uma leitura objetiva coletiva, de um processo que se constitui no discurso como sendo individual e abstrato.

O amor é um sentimento desinvestido de política (hooks, 2019), por vezes um sinal de fraqueza e, para a experiência masculina, do ser homem, e do ser homem negro, torna-se figura opositora a sua constituição (hooks, 2022). Ainda segundo hooks (2022), o amor é um significante moldado, mobilizado por discursos que investem verdades sobre ele para que atue em prol da opressão, portanto, a autora aposta no amor como uma ação. Em outras palavras, ainda que um significante compartilhado, o amor é produzido por quem o utiliza e compartilha dos seus maiores atributos: a verdade. Neste mesmo sentido, segue Rico Dalasam. Ao tomar o amor para si, não o absolve da forma como está constituído, uma vez que o amor em si está carregado dessas imagens de violência. Rico reivindica a posição de autor e produz sobre ele, mesmo que tome si próprio como referência, produz um guia, ainda que seja de um amor cego.

Nas palavras de Rico (2022) “O que sei sobre o amor, eu inventei/ Inventei um jeito pra me amar/ E quando alguém se sente amado por mim/ Eu penso que deu certo o que eu precisei inventar” o trecho é retirado da música “Guia de um Amor Cego” segunda faixa do álbum do artista. Ao falar da invenção da forma de amar, Rico não só enfatiza o que traz hooks (2022) sobre a produção patriarcal supremacista imperialista capitalista branca de desamor em direção ao homem negro, como também denuncia como o auto ódio (Santos, 2021) atua sobre o corpo de pessoas negras, produzindo a negação a si mesmas ao amor. Na dinâmica afetiva, a quem se endereça a possibilidade de



amar e ser amado? “O desejo tem construído uma política do afeto e do amor, sendo apenas alguns corpos e sujeitos elegíveis para acessar esta política (Cordeiro, Sierra, Dias, 2021, p. 128)”.

Ainda nesse trecho, Rico fala do enclausuramento que a dinâmica racista produz no afeto compartilhado por sujeitos negros. O artista reconhece que o amor só acontece à medida em que o amor próprio é produzido: “amor-próprio é a base de nossa prática amorosa. Sem ele, nossos outros esforços amorosos falham (hooks, 2021, p. 74)”. Portanto, ser dissidente afetivamente é uma aposta de resistência política, uma vez que se amar é romper com os investimentos provocados pelo sistema mundo opressor e agir em direção a projetar futuros, de imaginar mundos outros “um modo disruptivo de construção de conexões, vínculos e rotas fugitivas para o devir (Silva; Souza, 2023, p. 3)”.

Ainda na música “Guia de um amor cego”, Rico traz o trecho: “Quando garotos negros amam, quando garotos pretos se amam / Quase sempre se inventou um jeito”, neste recorte o artista não só fala do amor de forma ampliada, como situa na relação afetivo-amorosa entre homens negros. Pode-se interpretar a partir desse recorte que, além de não encontrar imagens representacionais de garotos negros em relacionamentos afetivo-amorosos nos diferentes meios de produção, Rico também apresenta isso como uma prática incomum nas relações cotidianas. A ausência dessa produção imagética atua em direção ao que Stuart Hall (2016) chamaria de naturalização. O autor defende a ideia de que naturalizar é uma estratégia representacional que congela imagens de forma com que pareçam que nunca existiu outro modo que não aquele, ancorando para sempre essas posições.

A aposta de Rico Dalasam é que essas âncoras podem ser retiradas se garotos pretos se amarem e produzirem sobre esse amor, assim como ele fez. Entretanto, esse não é um desafio fácil. Seguindo na mesma faixa musical, o artista diz: “Me percebi exceção cada vez que fui amado”. O que é denunciado por Dalasam ressoa também na produção acadêmica. Os autores Lima e Ludemir (2018) dizem que: “O saldo da escravidão foi a redução do homem negro a reprodutor, objeto, nunca o amante recíproco”. Portanto, ser exceção nessa dinâmica parece condição de estar homem negro gay no mundo. Entretanto, ao nomear isso, Rico subverte a norma redistribuindo a violência (Mombaça, 2021)

que lhe é imposta apresentando o amor como uma possibilidade real e factível para homens negros gays, bichas pretas.

Ao afirmar o amor entre corpos negros dissidentes como prática possível, Rico Dalasam não apenas tensiona os limites do imaginário afetivo, mas também projeta mundos outros. Essa projeção dialoga com o que José Esteban Muñoz (2020) chama de horizontes de utopia queer: espaços que não existem plenamente no presente, mas que se anunciam como potência, como promessa de um porvir onde o afeto negro e dissidente não é exceção, mas cotidiano. O canto, nesse sentido, funciona como uma fricção, como um gesto performativo de futuro: ao nomear, redistribuir a violência e encarnar o amor negro, o artista já faz existir o que parecia inalcançável: O amor como possibilidade para as bichas pretas.

Em “*De Longe*”, Rico Dalasam canta: “Me tornei calmo, assim como os vendavais são, de longe / E mostro agora que estou em dança, assim como um furacão é, de longe.” A metáfora da tempestade contida remete ao que Mbembe (2018), como já explicitamos anteriormente, chama de devir sujeito, um processo em que corpos historicamente transformados em “coisa” pelo colonialismo reinventam-se como portadores de vida e movimento. De longe, o vendaval parece quieto: uma imagem que lembra o confinamento simbólico e material descrito por Fanon (2020) para falar do homem negro, mas por dentro pulsa a energia de transformação. Ao mesmo tempo, a dança do furacão ecoa a ideia de produzir caminhos de fuga, em um diálogo com o que Mombaça (2021) identifica como redistribuição da violência: quando corpos negros criam novas gramáticas de existência, recusando a morte em todas as suas dimensões.

Essa coreografia de calma e força também desafia as imagens de controle de que fala Collins (2019), que fixam a masculinidade negra gay entre a subalternidade e a caricatura. Vista de longe, a serenidade pode ser lida como a máscara necessária à sobrevivência em um sistema necropolítico (Mbembe, 2018); de perto, o furacão revela a potência criativa que hooks (2021) associa ao amor como prática de liberdade. Dalasam transforma, assim, a própria performance em tecnologia de cuidado coletivo (Silva, 2025) uma poética que recusa o enclausuramento e anuncia o que Muñoz (2020) chama de um futuro possível em que corpos negros gays dançam e amam sem mediações.



Dessa forma, a experiência afetiva dos homens negros gays, marcada pela “dupla diáspora” (Veiga, 2018) e por uma necropolítica afetiva que também se exerce no campo do desejo (Mbembe, 2018), encontra em *Fim das Tentativas* um espaço de reconfiguração. As letras e performances de Rico Dalasam desestabilizam as imagens de controle (Collins, 2019) e fazem do amor uma estratégia de sobrevivência e de criação de futuros. Ao assumir a própria vulnerabilidade e transformar o corpo em dança e furacão, o artista encarna um devir sujeito (Mbembe, 2018) que rompe com a naturalização da solidão e do fetiche.

Considerações finais

“Quando garotos negros amam, quando garotos pretos se amam / Quase sempre se inventou um jeito.” — *Guia de um Amor Cego* (Dalasam, 2022). Abrir estas considerações finais com esse verso é reconhecer a potência do gesto artístico de Rico Dalasam: a invenção do amor como prática de sobrevivência e liberdade para bichas pretas. Ao longo do artigo, mostramos que o EP “Fim das Tentativas” não é apenas um conjunto de canções, mas um manifesto político-estético que reposiciona o homem negro gay no imaginário social.

Sua poética da vulnerabilidade recusa a naturalização da solidão, questiona a necropolítica afetiva e inscreve novas possibilidades de vínculo e pertencimento. Inventando mundos outros, sem que seja necessário um convite de entrada. O “Fim das Tentativas” em flertar com um sistema estruturado ao aniquilamento de homens negros gays, bichas pretas. A ficcionalidade do que está dado, a fricção do real.

A escuta atenta do EP nos permitiu perceber como Dalasam transforma ferida em criação, dor em beleza e desejo em horizonte de futuro. Seus versos desestabilizam estereótipos de virilidade compulsória, subalternidade afetiva, ao mesmo tempo em que produzem imagens transgressoras (hooks, 2019). Nesse processo, a obra cumpre o objetivo deste estudo: revelar que a arte pode ser dispositivo de autorrecuperação (hooks, 2019) e de reencantamento do mundo, abrindo brechas para espaços de existência que ainda não estão plenamente realizados, mas que se anunciam como potência.

Assim, “Fim das Tentativas” evidencia que o amor entre corpos negros dissidentes não é exceção, mas possibilidade radical de vida. Ao afirmar a beleza negra fora do olhar da branquitude, o artista oferece uma lição de coragem: a de que amar a si mesmo e a seus iguais é um ato profundamente político, como aponta Silva (2025) ao discutir o conceito de afroestima. Mais que resistir, Dalasam propõe existir com dignidade, tornando a própria vulnerabilidade uma força criadora e coletiva.

Apesar das contribuições apresentadas, reconhecemos que este estudo possui limitações importantes. Por se tratar de uma análise estética e político-afetiva baseada em um único objeto artístico, não buscamos abarcar a diversidade das experiências de homens negros gays no Brasil. A leitura proposta é situada, parcial e atravessada pelos referenciais teóricos mobilizados, o que significa que outras interpretações são igualmente possíveis e desejáveis.

Assim, futuras pesquisas poderiam explorar de diferentes formas empíricas como homens negros gays experienciam a necropolítica afetiva em seus cotidianos, investigar práticas de autorrecuperação e dissidência afetiva em diferentes territórios, ou ainda, comparar produções musicais e literárias de outros artistas negros LGBTQIAPN+. Estudos interdisciplinares que articulem arte, psicologia social, educação e filosofia também poderiam aprofundar discussões sobre afetividade, subjetivação e elaboração estética, ampliando o horizonte aberto por este trabalho.

“Me vejo hoje ostra aberta que já fez pérolas mil / Me vi ave rara em um céu aberto sem fim.” — Tarde D+ (Dalasam, 2022). Encerrar com esse trecho reforça o sentido último da análise: a experiência de homens negros gays, embora marcada por feridas, é também fonte de invenção de novos circuitos de afeto e beleza. Sem cairmos em uma romantização do sofrimento, Rico Dalasam transforma cada grão de dor em pérola, cada voo em afirmação, convidando a sociedade a imaginar futuros em que amar e ser amado não seja exceção, mas cotidiano para os corpos de homens negros gays, bichas pretas.



Referências

- BACO EXU DO BLUES. QVVJFA? [album]. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/5HE9DhP8b3m3LmShTreEvq>. Acesso em: 1 dez. 2025.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 15-38, jan./abr. 2016.
- CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.
- CORDEIRO, Fábio de Carvalho; SIERRA, Jamil Cabral; DIAS, Lucimar Rosa. Preterimento do afeto, da amizade e do desejo entre bixas-pretas em espaços de socialização. **Caderno de Gênero e Tecnologia**, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 119-137, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso 14 de setembro de 2025.
- COSTA, Guilherme Moraes da. Bixa preta: considerações sobre negritude e homossexualidade. **Anais do 9º Encontro Internacional de Política Social e 16º Encontro Nacional de Política Social**, Vitória, ES, 13 a 15 jun. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/einps/article/view/41239>. Acesso 14 de setembro de 2025.
- CONSELHEIRO, Samuel Germano do Nascimento; OLIVEIRA, Elaine Cristina Tôrres; MESQUITA, Marcos Ribeiro. Rap como dispositivo: relato sobre grupo de adolescentes pretas/os e o fazer saúde. *Asas da Palavra*, v. 20, n. 1, p. 245-260, jan./jun. 2023. ISSN 1415-7950.
- DALASAM, Rico. **Fim das Tentativas** [álbum]. São Paulo: Rico Dalasam, 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/6kQlwMSjHVBIS6Rr7LH40z>. Acesso em: 16 agosto. 2025.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu, 2020.

FAUSTINO, Deivison; RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. Negro tema, negro vida, negro drama: estudos sobre masculinidades negras na diáspora. **Transversos: Revista de História**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 163–177, ago. 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/29392>. Acesso em: 23 jul. 2025.

FERREIRA, Emerson Benedito.; ABRAMOWICZ, Anete. O racismo na infância e a infância do racismo: vida e rastros de uma criança negra. **Pro-Posições**, v. 33, p. 1 - 20, 2022.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos**. Zahar, 2020.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Ed. 1. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Elefante. 2021.

hooks, bell. **A gente é da hora: homens negros e masculinidades**. Tradução de Ana Luiza Libânio. São Paulo: Elefante, 2022.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEOPOLDINO, Ana Beatriz Tenente. “Vivendo acima do topo, não diga que não notou”: uma análise de trechos de letras de rap e as narrativas de ascensão social para juventude negra periférica. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade do Sul de Santa Catarina, 2022.

LIMA, Eugênio; LUDEMIR, Julio. **Cartas a Madame Satã**. In: **Dramaturgia Negra**. Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Artes, 2018.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. São Paulo: Autêntica, 2020.

MARQUES, M. O. NÓS, BICHAS PRETAS, NA ESCOLA!: “Etnicidentidade” monstruosa, saúde mental e vivências escolares. 2024. 163 f. Dissertação (Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade) — Programa de Pós-Graduação em Relações



Étnicas e Contemporaneidade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, 2024.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 122-151, dez. 2016.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MEDEIROS, André Felipe de. *Rico Dalasam – Fim das Tentativas*. Monkeybuzz, 26 ago. 2022. Disponível em: <https://monkeybuzz.com.br/resenhas/albuns/rico-dalasam-fim-da-s-tentativas/>. Acesso em: 15 set. 2025.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MUÑOZ, José Esteban. **Utopía queer**: El entonces y allí de la futuridad antinormativa. Buenos Aires: Caja negra, 2020.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. 2017. 281 f. **Tese (Doutorado em Educação)** – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

PATRÍCIO, Cláudio. A dor invisível: reflexões sobre o sofrimento do homem negro numa sociedade patriarcal e racista. SciELO Preprints, Belo Horizonte, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.7021>. Acesso em: 01 dez. 2025.

RIBEIRO, Milton. “Eu decido se ‘cês vão lidar com King ou se vão lidar com Kong’: homens pretos, masculinidades negras e imagens de controle na sociedade brasileira.” **Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 8, n. 1, p. 1-15, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4911>. Acesso em: 20 jul. 2025.

SANTANA, Jhyenne Yara Gomes; TONUS, Mirna. Processo metodológico para análise de conteúdo de letras de música: extração e identificação de mensagens em álbuns do BTS. **Brazilian Creative Industries Journal**, Novo Hamburgo, v. 4, n. 2, p. 176-200, jul./dez. 2024

SANTOS, Boaventura de Sousa, La Globalización del derecho: los nuevos caminos de la regulación y la emancipación. Bogotá, Colombia: ILSA;

Universidad Nacional de Colombia. 1998. Disponível em: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/La_globalizacion_del_derecho_Los_nuevos_caminos_de_la_regulacion_y_la_emancipacion.pdf.

SANTOS, Hélvia Modesto M.; NASCIMENTO, Samuel Conselheiro Germano. Culturas digitais, juventudes e política: as mídias digitais como espaço de reconhecimento e fortalecimento da negritude. 2022. 27 f. **Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia)** - Instituto de Psicologia, Curso de Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.

SANTOS, Neuza. **Tornar-se negro**: Ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. São Paulo: Zahar, 2021.

SILVA, Rômulo Lopes; SOUZA, Leonardo Lemos. Temporalidades e racialização de jovens gays negros: Entre memórias e imagens de futuro. Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro), n. 39, p. 1 - 22, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/dYmQpqP4ySpbmhN9g84Nbsw/>

SILVA, Érick Santos da. Primavera para as rosas negras: a construção e a aprendizagem da afroestima na vida de pessoas negras. 2025. 156 f. **Dissertação (Mestrado em Psicologia)** – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2025.

VEIGA, Lucas. As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. **Tabuleiro de Letras**, Salvador, v. 12, n. 1, p. 78–85, jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/4684>. Acesso em: 20 jul. 2025.

VIDARTE, P. **Ética bixa**. Tradução de Fernando Scheibe. São Paulo: n-1 edições, 2019.



La poética de la vulnerabilidad y las disidencias afectivas de hombres negros gays en Rico Dalasam

RESUMEN: Este artículo realiza un análisis estético y político-afectivo del EP *Fim das Tentativas* (2022), de Rico Dalasam, situándolo como un gesto de reinscripción de las subjetividades de hombres negros gays en el contexto brasileño. El estudio adopta una metodología cualitativa de análisis textual y musical, basada en una escucha atenta de las letras, sonoridades y construcciones poéticas del artista, articulándolas con referentes teóricos sobre masculinidades negras. A lo largo del artículo, argumentamos que la obra opera como un dispositivo estético-político que tensiona estereotipos raciales y sexuales y produce nuevas posibilidades de existencia y afecto entre hombres negros gays. A partir de este recorrido, demostramos que el concepto de “necropolítica afectiva” emerge como una contribución central del estudio, permitiendo comprender cómo las estructuras de racismo y heteronormatividad regulan la circulación del deseo y del cuidado. Los resultados indican que Dalasam crea una poética de la vulnerabilidad capaz de reconfigurar imaginarios, ampliar horizontes de pertenencia y proponer formas de vivir que rompen con la soledad y el fetichismo impuestos a esos cuerpos. Por último, destacamos los límites del estudio y señalamos caminos para futuras investigaciones que articulen empíricamente afectos, estética y masculinidades negras.

PALABRAS CLAVE: Masculinidades negras. Rico Dalasam. Disidencia afectiva. Necropolítica afectiva.

Érick SANTOS DA SILVA, Universidade Federal de Alagoas.

Doutorando em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (PPGP-UFAL), mestre em Psicologia pelo PPGP-UFAL, especializando-se em Educação em Direitos Humanos e Políticas Públicas pela UFAL, licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Tiradentes (Unit).

<https://orcid.org/0000-0001-7449-0952>

Samuel CONSELHEIRO GERMANO DO NASCIMENTO,

Mestrando em psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (PPGP/UFAL), na linha de pesquisa Subjetividades, Políticas e Processos Psicossociais.

Especialista em Saúde da Família e Comunidade pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas - UNCISAL. Aluno Destaque do programa de Pós Graduação Lato Sensu - UNCISAL. Embaixador do projeto #JuntosPelaTransformação da professora Djamila Ribeiro. Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

<https://orcid.org/0000-0002-7211-9057>

Recebido em: 20/09/2025

Aprovado em: 29/12/2025